

- **SINTAXE GERATIVA**

**A ORDEM INTERNA DOS NOMINAIS DO HEBRAICO: MOVIMENTO NUCLEAR OU MOVIMENTO D PROJEÇÃO MÁXIMA.**

*Rafael Dias Minussi (USP)*

*Orientador(a): Ana Paula Scher (Universidade de São Paulo)*

Os nominais do hebraico, segundo a literatura tradicional, possuem uma ordem rígida quanto a sua hierarquia e posição na sentença. Os adjetivos, por exemplo, são exclusivamente pós-nominais e podem ser classificados em leves ou pesados de acordo com a presença ou não de complementos. Como os seguintes dados mostram:

1.

a) Ha-boxer ha-ge'e ha-tipusi

Def-eleitor Def-orgulhoso Def-típico

"o eleitor orgulhoso típico"

b)\*ha- boxer ha-tipusi ha ge'e

Def- eleito Def-típico Def-orgulhoso

2.

a) ha-boxer ha-tipusi [ha-ge'e be-heseg-av]

Def-eleitor Def-típico Def-orgulhoso em-realização-3SG.m

"o eleitor típico orgulhoso de sua realização"

b)\*ha-boxer [ha-ge'e be-heseg-av] ha-tipusi

Def-eleitor Def-orgulhoso em realização-3SG.M Def-típico

Duas análises explicam a ordem no hebraico. Pereltsvaig irá propor uma análise de movimento nuclear para explicar a sintaxe dos nominais, dizendo que a ordem hebraica é inversa à ordem dos nominais no inglês. Já Shlonsky fornece uma explicação através do movimento de projeção máxima, dizendo que os nomes não conseguem se mover como núcleos na gramática hebraica e portanto movem-se como especificadores.

Este trabalho vai procurar avaliar as duas propostas frente a alguns dados da língua hebraica que não foram discutidos pelos autores acima e tentar verificar se as aplicações das teorias propostas são apropriadas ou não. Após esta comparação verificaremos, caso seja necessário, a utilização de outra teoria que possa melhor explicar os fenômenos sintáticos encontrados.

### **MARCAÇÃO DE CASO EM EXPRESSÕES DO TIPO [ DP DP ]**

*Bianca Marquezi (USP)*

*Orientador(a): Esmeralda Vailati Negrão (Universidade de São Paulo)*

Através do arcabouço da Sintaxe Gerativa o presente trabalho procurará desvendar o fenômeno de marcação de Caso em DPs relacionados a expressões do tipo [DP DP], chamadas mini-orações, que se posicionam como complementos de alguns verbos, como em sentenças do tipo A Maria achou o pavê um espetáculo. DPs como um espetáculo, na maior parte das vezes se comportam como predicados, estabelecendo uma relação de predicação bastante estreita com o outro DP na mesma mini-oração. Como não há, para o DP[um espetáculo], nenhum atribuidor de Caso disponível e pertencente aos padrões "normais" de atribuição, o objetivo aqui é identificar um mecanismo que licencie essa marcação, já que a sentença é tida como gramatical aos falantes da língua. Como satisfazer completamente o Filtro do Caso em orações dessa natureza? Este trabalho procurará investigar a possibilidade de aplicação da sugestão, que aparece em nota em Miotto et al (2004), de que haja transmissão de Caso de um DP para o outro dentro dos limites dessa relação de predicação.

### **SENTENÇAS CLIVADAS X SENTENÇAS PSEUDO-CLIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

*Mariana Santos de Resenes (UFSC)*

*Orientador(a): Carlos Miotto (UFSC)*

Este trabalho visa estudar as sentenças clivadas e pseudo-clivadas no português brasileiro (PB), defendendo que uma sentença pseudo-clivada [[CP Wh...] + ser + XP (=foco)] não deve ser igualada a uma sentença clivada [ser + XP(=foco) + [CP que .....]]. Para tanto, recorremos ao paradigma abaixo:

- (1) a. O que o João fez foi soltar a franga.  
b. Foi soltar a franga o que o João fez.  
c. \*Foi soltar a franga que o João fez.  
d. \*Soltar a franga foi que o João fez.
- (2) a. O que o João quer é soltar a franga.  
b. É soltar a franga o que o João quer.  
c. É soltar a franga que o João quer.  
d. Soltar a franga é que o João quer.
- (3) a. \*O que o João pode é soltar a franga.  
b. \*É soltar a franga o que o João pode.  
c. \*É soltar a franga que o João pode.  
d. \*Soltar a franga é que o João pode.

- (4) a. O que o João pode soltar é a franga.  
b. É a franga o que o João pode soltar.  
c. É a franga que o João pode soltar.  
d. A franga é que o João pode soltar.
- (5) a. O que o João pode fazer é soltar a franga.  
b. É soltar a franga o que o João pode fazer.  
c. \*É soltar a franga que o João pode fazer.  
d. \*Soltar a franga é que o João pode fazer.

O que será explorado neste paradigma, de modo crucial, é que não podemos ter clivadas como as de (1) e (5), onde não existe uma categoria vazia correspondente ao foco.

### **SMALL CLAUSES ADJUNTO**

*Julio William Curvelo Barbosa (USP)*

*Orientador(a): Esmeralda Vailati Negrão (Universidade de São Paulo)*

Com base nos pressupostos teóricos da gramática gerativa, este projeto busca analisar as estruturas de sentenças como 'a Maria trabalhou chateada', em que o AP 'chateada' tem uma visível relação de predicação com o DP 'a Maria', apesar de chateada não fazer parte da estrutura argumental do verbo. Comparando as análises de Small Clause adjunto até hoje realizadas, i.e. Stowell (1981) e Foltran (1999), o trabalho tentará determinar qual das análises já formuladas melhor explica o fenômeno dentro do modelo teórico em questão, apontar os problemas de descrição estrutural de cada proposta já feita, e, caso possível, formular uma análise alternativa para as construções de SC adjunto dentro da teoria de Regência e Ligação.